

Dossiê

Os jovens e seus impasses no laço com a universidade: intervenção clinicopolítica em tempos de pandemia

Luciana Gageiro Coutinho; Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta

Resumo. O artigo apresenta uma experiência em espaços de fala/escuta *on-line* com alunos universitários no período de suspensão das aulas por conta da pandemia do novo coronavírus. Parte do desamparo que caracteriza a condição juvenil quando não consegue obter através dos laços sociais o reconhecimento simbólico de seu lugar de sujeito produtor de seu próprio discurso. Discute os impasses enfrentados pelos jovens no laço à universidade, que têm gerado várias demandas por tratamento por conta dos altos índices de sofrimento psíquico dos estudantes. Enfatiza a dimensão sociopolítica do sofrimento estudantil como efeito do estado do laço social no contexto do Brasil contemporâneo, agravado com a pandemia, e propõe intervenções clinicopolíticas no coletivo como modo de tratá-lo.

Palavras-chave: jovens; universidade; sofrimento psíquico; pandemia; intervenções clinicopolíticas.

Los jóvenes y sus impasses en el enlace con la universidad: intervención clínico-política en tiempos de pandemia

Resumen. El artículo presenta una experiencia en espacios de habla / escucha online con estudiantes universitarios durante el período de suspensión de clases por la pandemia del nuevo coronavirus. Parte del desamparo que caracteriza a la condición del joven cuando no logra obtener a través de lazos sociales el reconocimiento simbólico de su lugar como sujeto productor de su propio discurso. Se analizan los impasses que enfrentan los jóvenes en sus vínculos con la universidad, que han generado diversas demandas de tratamiento a causa de los altos índices de sufrimiento psíquico de los estudiantes. Destaca la dimensión sociopolítica del sufrimiento psíquico como efecto del estado del vínculo social en el contexto contemporáneo de Brasil, agravado por la pandemia, y propone intervenciones clínico-políticas en el colectivo como una forma de tratarlo.

Palabras clave: jóvenes; universidad; sufrimiento psíquico; pandemia; intervenciones clínico-políticas.

* Psicanalista. Professora Associada e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Psicanálise, Educação e Laço Social (LAPSE) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: lugageiro@uol.com.br

** Psicanalista. Professora Adjunta de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: angelica.pisetta@gmail.com

Youth and its impasses in their bond to university: clinical-political intervention in times of pandemic

Abstract. The article presents an experience in online spaces of speech/listening with university students amid class suspension due to the pandemic of the new coronavirus. It starts from the helplessness that characterizes the juvenile condition whenever it cannot obtain, through social bonds the symbolic recognition of its subject's place as producer of its own discourse. It discusses the impasses faced by the young regarding their bond to university, which has generated many demands for treatment due to the high indices of psychic suffering by the students. It emphasizes the sociopolitical dimension of psychic suffering as an effect of the state of the social bond in the context of contemporary Brazil, aggravated by the pandemic, and proposes clinical-political interventions in the collective as a way of treating it.

Key words: youth; university; psychic suffering; pandemic; clinical-political interventions.

Jeunesse et ses impasses par rapport au lien avec l'université : interventions clinico-politiques en temps de pandémie

Résumé. L'article présente une expérience dans des espaces de parole/d'écoute en ligne avec des étudiants universitaires pendant la suspension des cours à cause de la pandémie du nouveau coronavirus. Il part de l'impuissance qui caractérise la condition de la jeunesse quand elle ne peut pas obtenir, à travers des liens sociaux, la reconnaissance symbolique de son lieu de sujet comme producteur de son propre discours. Il discute les impasses auxquelles les jeunes font face par rapport à leur lien avec l'université, qui a généré plusieurs demandes de soins dues aux hauts indices de souffrance psychiques par les étudiants. Il met en relief la dimension sociopolitique de la souffrance psychique comme un effet du statut du lien social dans le contexte du Brésil contemporain, aggravé par la pandémie, et propose des interventions clinico politiques au niveau du collectif comme une façon de le soigner.

Mots-clés: jeunesse; université; souffrance psychique; pandémie; interventions clinico-politiques.

Ofertar um espaço de escuta *on-line* para os alunos universitários em tempos de distanciamento social é apostar numa possibilidade de ação do psicanalista na cidade diante dos desafios colocados pela pandemia do novo coronavírus. Tal aposta se sustenta em supor que a universidade, além de ser uma instituição de formação de profissionais, é também um lugar de construção de laços sociais, atravessados pelos discursos que ali incidem, com efeitos na subjetivação dos que a compõem. Um espaço coletivo de fala e de escuta que proporciona um momento para fazer a palavra circular entre os alunos dentro do contexto acadêmico traz uma possibilidade de se (re)enlaçar e de se (re)dizer diante dos outros da universidade nesse momento inédito de suspensões e ameaças.

A proposta de abertura de espaços de fala/escuta com alunos universitários de diversos cursos teve início em 2019 na Universidade Federal Fluminense (UFF) a partir de uma demanda inicial da coordenação do curso de pedagogia. A demanda por algum tipo de assistência psicológica para os alunos se dá em função de uma preocupação a respeito do sofrimento psíquico dos estudantes que se endereçavam à coordenação de curso em busca de algum tipo de ajuda. O projeto *Da escola à universidade: escutando o mal-estar e o sofrimento psíquico*¹ foi formalizado no início de 2020 como projeto de extensão, sendo concebido também em articulação com a pesquisa *Educação para a vida: suicídios na adolescência e vulnerabilidades*

¹ Projeto de extensão cadastrado no Sigproj e Proex/UFF, coordenado pelas duas autoras do artigo.

*sociais*², diante dos alarmantes índices de crescimento de tentativas de suicídio e sofrimento psíquico entre os jovens no Brasil nos últimos anos, o que tem se constituído uma questão de saúde pública. Visando atender às demandas institucionais e sociais que se fazem cada vez mais urgentes, assim como a construção de possíveis estratégias de tratamento desse problema a serem posteriormente ampliadas e difundidas pelas redes de saúde e educação, o projeto propõe a construção de uma agenda de intervenções em escolas e universidades utilizando o dispositivo³ de fala/escuta com professores e alunos das escolas e universidades participantes. A construção da ação em parceria com outras universidades tem como eixo norteador a necessidade de ampliar a discussão e as intervenções sobre o mal-estar e o sofrimento psíquico no público jovem considerando sua dimensão sociopolítica.

A proposta apresentada no artigo diz respeito a uma adaptação do projeto de extensão original para o contexto da pandemia, inserindo-se no festival *Fique em casa com a FEUFF*, composto por uma série de atividades remotas propostas pela Faculdade de Educação e oferecidas aos alunos durante os primeiros meses do distanciamento social, mais especificamente em maio e junho de 2020. A chamada para a atividade *Distanciamento social: vamos falar sobre isso?* foi ofertada a todos os alunos da UFF e consistiu na realização de quatro encontros abertos em formato *on-line*, durante o mês de junho de 2020. A partir dessa experiência, é possível pensar sobre os impasses encontrados pelos jovens diante do Outro da universidade, que se apresenta como discurso universitário, antes e durante a pandemia, apostando na importância de lançar luz sobre tais impasses para o tratamento do impossível que neles se atualiza, caminhando na direção da politização do sofrimento juvenil no laço social.

A dimensão sociopolítica do desamparo juvenil

Refletir sobre a vulnerabilidade social juvenil requer, em primeiro lugar, uma atenção para a transformação do lugar do jovem na sociedade atual, que vem afetando diretamente as formas de subjetivação no laço social (Birman, 2009; Kehl, 2000; Menezes, Costa, Santos, 2013; Coutinho & Andrade, 2016). Na instabilidade do mundo contemporâneo, acelerada pelo consumo e pelo advento das novas tecnologias, os laços intergeracionais sofrem muitos abalos, de modo que podemos dizer que o jovem experimenta uma espécie de solidão geracional. Tal solidão é agravada pela precariedade das instâncias de proteção no âmbito do poder público com o avanço do neoliberalismo. Nesse contexto, o sujeito adolescente⁴ frequentemente não consegue obter através do discurso e dos laços sociais o reconhecimento simbólico, o que contribui para agravar a experiência de desamparo que, pelo excesso pulsional, já marca a adolescência.

Na esteira dessas transformações, encontra-se a vigência dos discursos médico e capitalista nas instituições educativas, aliados ao produtivismo presente no campo da educação em vários níveis, que acirra a tendência à individualização dos “fracassos” e o esvaziamento da dimensão

² Projeto de pesquisa coordenado por Luciana Gageiro Coutinho, aprovado pelo comitê de ética em pesquisa sob o CAAE nº 20131119.6.0000.8160.

³ Adotamos o termo dispositivo no sentido que Agamben (2005) sublinha, ao destacar que a própria linguagem se traduz como um dispositivo de controle simbólico, convoca e reúne subjetividades, articula diferenças e promove laço social.

⁴ Faremos referência à adolescência quando estivermos enfatizando a dimensão psíquica da experiência juvenil. Entendemos a adolescência como o trabalho psíquico imposto ao jovem na cultura ocidental moderna (Coutinho, 2009). Quando estivermos nos referindo preferencialmente à categoria social articulada a uma classe, utilizaremos o termo jovem ou juventude.

sociopolítica do sofrimento juvenil. Tido como individual, seu tratamento também é individualizado e, frequentemente, medicalizado. Na universidade, o sofrimento de alunos e de professores começa a ser visibilizado e problematizado, tendo sido constatado que ele remete em grande medida à exigência de produtividade e ao esgarçamento dos laços de solidariedade no ambiente acadêmico, na vigência do “cada um por si” (Machado, 2019). Nesse cenário predominam as relações com objetos/produtos em detrimento dos laços com o outro.

Retomando Freud, temos que:

Na vida civilizada o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, das forças da natureza e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro (Freud, 1930/1996, p. 84).

A partir das considerações freudianas explicitadas nesse trecho do texto *Mal-estar na civilização* (1930/1996), podemos destacar o incremento do sofrimento oriundo das relações sociais, com os semelhantes, compreendidas por nós como laços sociais. O autor também pontua que é a vida em sociedade e a cultura que podem nos trazer alguma segurança e pertença para fazer frente ao desamparo diante das forças da natureza e da pulsão. Eis aí um paradoxo no que se refere ao laço social, se por um lado é fonte de mal-estar, também é aí onde se localiza a potência para lidar com as agruras das forças da natureza e da vida pulsional. No esforço de pensarmos essas contingências, salientamos ainda como isso se mostra ainda mais premente, em virtude da suspensão de muitos pactos sociais no contexto político brasileiro atual, o que parece se desvelar com a pandemia do novo coronavírus.

Avançando a partir desse paradoxo freudiano, uma das formas de se pensar o mal-estar contemporâneo, como argumenta Birman (2012), refere-se à pregnância do registro narcísico sobre o alteritário, de modo que, frequentemente, ficamos presos a uma experiência solipsista da dor e do desalento, colados ao aqui e agora, impossibilitados de temporalizar psicicamente o vivido e de narrar o sofrimento, constituir experiências passíveis de serem endereçadas e partilhadas. Diz ele que “é o deserto do real que delinea o campo do sujeito hoje, na ausência de qualquer horizonte possível” (Birman, 2012, p. 51). Atreladas a isso, podemos destacar profundas mudanças na experiência da alteridade que afetam diretamente a questão da existência social do sujeito bem como os modos de sofrer, repercutindo, sobretudo, na juventude. Marcada pela precariedade de investimentos das outras gerações, pela infantilização e pela fragilização psíquica, é na juventude que esse quadro se faz notar de forma mais aguda (Birman, 2006), expressando-se sob a forma de diversas manifestações sintomáticas no plano do agir, tais como as compulsões, o uso abusivo de drogas, as violências auto e heteroinflingidas, entre outras.

Os efeitos psíquicos dos impasses no laço social aos quais estão submetidos os jovens interferem no próprio sentido da vida e da existência, já que muitas vezes são vividos como angústia que não pode ser posta em palavras e compartilhada, de modo que muitas vezes ao desamparo social sobrepõe-se o desamparo discursivo (Rosa, 2016). O desamparo discursivo, ao qual estão submetidos muitos jovens brasileiros, diz respeito então ao lugar em que são situados no laço social.

Nossa perspectiva é de elucidar o sofrimento do sujeito dados os diferentes lugares ocupados no laço social, questão que nos exigiu debruçarmos sobre o desenvolvimento em Lacan acerca dos laços sociais como laços discursivos. Desta concepção que pudemos detectar a artimanha dos discursos do poder de apresentar o discurso social e político como se fosse o campo da linguagem disponível ao sujeito (discurso do Outro), para confundir e enredar o

sujeito em suas propostas de laço social. Quando certos discursos sociais se travestem de discurso do Outro (campo da linguagem) para obturar a polissemia do significante e impor sua verdade ao sujeito, temos um problema clínico e político. (Rosa, 2016, p. 185-186)

Nesse sentido, quando situados em lugares de silenciamento, seja através das nomeações criminalizantes ou medicalizantes, seja pela ênfase no desempenho e na performance quantificada através das avaliações acadêmicas e escolares, muitos jovens são privados da possibilidade de historicizar e narrar seu sofrimento em nome próprio. O trabalho elaborativo da adolescência fica comprometido, bem como a possibilidade de se ressituar frente ao Outro da cultura. Torna-se necessário um trabalho de reinstaurar o Outro em sua polissemia significante para que o sujeito possa recuperar sua posição discursiva e fazer face ao desamparo.

A pandemia impôs um grau a mais na experiência de desamparo que já se fazia presente no laço social. Segundo Dunker (2020), toda doença potencialmente letal o faz por despertar em nós a pergunta: “o que fiz para não ser tão amado e protegido pelo Outro que me envia isto?” (p. 9). Diante da ausência de políticas públicas protetivas e inclusivas, e sem também o reconhecimento de uma responsabilização coletiva pelo problema, nos sentimos mais desamparados. No contexto da crise social gerada pelo desmantelamento de políticas sociais promovido pelo atual governo brasileiro e sustentado pelo discurso neoliberal hegemônico, o que se agrava com a pandemia no Brasil, parece que a segurança pela via do coletivo da qual falava Freud está fortemente ameaçada.

Mas o que isso tudo tem a ver com a universidade? Tudo a ver, se supomos a universidade como lugar de laços, laços com outros, com os iguais e com os diferentes, laços com os saberes, laços com as culturas e com a construção da própria história. A universidade pode ser lugar de angústia, quando prevalece a dimensão das exigências relativas ao desempenho e o ideal acadêmico tão inatingível para tantos, e aí esses laços ficam ameaçados ou fragilizados.

Em 1969, quando Lacan discute as modalidades discursivas que compõem o laço social, reserva aos modos de enlaçamento social em torno do saber universitário um lugar de destaque. A partir da mutação do laço social da mestria (tributário da Idade Média, em relação à dinâmica entre o senhor e o servo) o autor ressalta a dinâmica discursiva que opera quando no lugar do agente do discurso (o que dá partida ao discurso) temos o saber (Lacan, 1969-70/1992). Assim, com o saber como ponto de partida, o lugar atribuído ao outro (todos nós, a partir do discurso que assim que se estabelece) é o lugar dessubjetivado do objeto a , objeto de pura falta simbólica (Pisetta, 2009). Como bem recorda o autor, no seminário sobre a angústia (Lacan, 1962-63/2005), o equivalente subjetivo do objeto a é a angústia, experiência tão marcante nas narrativas sobre a produção acadêmica. O produto dessa articulação (entre o agente e o outro) é situado por Lacan (1969-70/1992) como dividido, cindido, incompleto e sempre em vias de se constituir. Podemos pensar, nessa articulação, as produções acadêmicas dentro dessa lógica da incompletude, sempre referidas a um saber ideal, totalizante, que as situa. O que esse discurso pretende ocultar, e que se manifesta como verdade não revelada desse discurso, é que não há saber totalizante, representado pela notação $S1$ (significante mestre que opera de modo interveniente).

Entretanto, gostaríamos de sustentar aqui que a universidade é também lugar de tratamento possível a essa angústia. Porque é lugar de encontros, daquilo que nos liga à vida pelos laços que se fazem a partir da palavra e do desejo, remédio mais eficaz frente à angústia. Vem daí a aposta que sustenta nossa oferta de um dispositivo coletivo de fala e escuta. Gostaríamos de propor tal dispositivo como uma oferta na direção de contornar justamente a fragilidade dos

laços, no sentido de um trabalho com o real, que exige tecer em torno dele um encadeamento significativo.

Questões de método

O *Festival Fique em Casa com a FEUFF* foi aberto para toda a comunidade discente da UFF, com a possibilidade de inscrições livres e não sequenciais para cada encontro. A atividade da qual tratamos no artigo foi ofertada sob a forma de quatro encontros *on-line* com datas marcadas previamente, de maneira livre, aberta para novos inscritos antes de cada encontro com vagas disponíveis para 25 estudantes no máximo. Neste artigo, iremos nos deter mais detalhadamente no primeiro encontro realizado, para o qual tivemos 24 inscritos. Entre saídas da sala e seu retorno, chegamos a ter um total de 14 participantes na sala.

Nossa oferta de espaços de fala/escuta toma o coletivo enquanto um dispositivo que pode fazer frente à fragilidade dos laços sociais, esgarçados pela lógica excludente e individualizante da sociedade contemporânea. O crescimento do neoliberalismo implica numa diminuição da atuação do Estado e com isso o desamparo social se coloca ainda mais evidente e se desdobra em desamparo discursivo (Rosa, 2016). Nesse sentido, o tratamento a esse sofrimento não pode se restringir à esfera individual, mas deve incluir o resgate de uma posição discursiva desses sujeitos no coletivo.

Diante disso, vamos ao encontro de muitos psicanalistas que defendem os efeitos terapêuticos positivos do trabalho coletivo em um contexto como este, de vulnerabilidade social. (Sato et al., 2017; Broide & Broide, 2016; Castanho, 2018). O trabalho operado pela lógica coletiva faz um contraponto ao desamparo discursivo na medida em que o sujeito pode, a partir de sua fala e da escuta de outras pessoas, produzir um deslocamento na sua posição discursiva e reinventar novos laços sociais. Nesse sentido, o espaço coletivo é um campo de duplo trabalho subjetivo, seja na socialização (via identificação), seja na singularização (via distinção), lugar de experiência do singular no coletivo. Por isso, propomos os espaços de coletividade e experiências compartilhadas como modos de resistências a esses discursos dominantes que minam as relações sociais e promovem diversas formas de desamparo (Rosa, Vicentin & Catroli et al., 2009).

Dentro do espectro da pesquisa-intervenção (Castro & Besset, 2004), inspirada também pelo método psicanalítico, buscamos instaurar através desse dispositivo a possibilidade de uma fala na qual o sujeito tenha lugar (Rosa & Domingues, 2010). Para sustentar a oferta de trabalho, apontamos para alguns norteadores teóricos da psicanálise que nos sustentam: o discurso do psicanalista e uma aposta no desejo como motor do trabalho, o estímulo à enunciação, aposta na palavra que faz laço e no laço com a universidade. Em resposta a esta oferta, buscamos a expressão de como cada um está lidando com os acontecimentos, individual e/ou coletivamente.

Após cada encontro, um diário de campo/relato de experiência foi produzido pelos membros da equipe. Essa forma de registro foi um importante material de análise no *a posteriori*, incluindo a experiência do pesquisador no contato com os participantes e com as falas que ali se produziram. Nesse sentido, retomando o sentido da pesquisa em psicanálise como aquela que sustenta o sujeito e não apenas o descobre, não se pesquisa para comprovar uma verdade, mas sim para dar testemunho de um encontro com o real de cada caso ou cada situação estudada. Sem deixar de marcar a presença desse real também na singularidade da escrita da situação de pesquisa produzida por aquele ou aqueles que a conduziram (Poli, 2008).

Ouvindo os jovens universitários: uma aposta na conexão *on-line*

Antes de entrar na descrição e análise das experiências dos espaços de fala/escuta *on-line* durante o período da pandemia, vale comentar um pouco do que já havia sido observado desde o início do projeto de extensão, já que, de certa forma, encontramos alguma continuidade entre alguns aspectos que se destacaram nas falas dos jovens desde os primeiros encontros ainda presenciais em 2019. Em nossas experiências iniciais com os grupos presenciais, os participantes nos acenaram com a grande importância da abertura desse espaço, em contraste com o que aparece nas conversas sobre a experiência da universidade para muitos deles com um lugar de muitas exigências e poucas trocas afetivas. Assim, encontramos muitos depoimentos sobre a ansiedade e o medo de fracasso diante das expectativas – ou mesmo dos receios – da família com a entrada na universidade, em alguns casos de um primeiro membro daquele grupo familiar. Entretanto, ao longo das conversas muitas vezes eles puderam pontuar a existência de algumas possibilidades de viver experiências diferentes nesse ambiente, em que o corpo e os afetos tenham mais lugar, como no projeto *Dança Uff* ou nas aulas de natação⁵.

Voltando à atividade ofertada de modo remoto durante o distanciamento social, o que será que os participantes esperavam quando se inscreveram nela? E qual o efeito que pudemos recolher de nossa oferta?

No primeiro encontro, os estudantes foram entrando na sala conforme o horário foi se aproximando do estabelecido, a maioria com a câmera desligada, e aqueles que entraram com a câmera ligada, logo a desligaram. A atividade foi iniciada no horário marcado, as coordenadoras se apresentaram e convidaram os participantes a falarem livremente sobre como estava sendo aquele momento para cada um e também o fato de estar distante da universidade, reforçando a convocação daquele espaço como a oferta de um encontro possível. Após um período de silêncio uma participante se identificou e iniciou a sua fala sobre como estava sendo o seu período de isolamento social. Seguindo esse exemplo os outros participantes aos poucos começaram a se identificar e a falar sobre como estavam (sobre)vivendo à pandemia. As angústias, os passatempos, os *hobbies* e as diversas estratégias para manter a saúde mental foram colocados em pauta durante a conversa.

As primeiras falas giraram em torno de perdas e do desafio de poder perder alguém, cuidar de membros da família que adoeceram ou o caso de uma mãe ao ter que ficar sozinha cuidando de duas crianças. O desamparo trazido pela pandemia fica evidente e nos parece que o recurso da escuta oferecido foi utilizado para produzir testemunhos dos diversos lutos que a situação nos impõe. Em seguida, através do *chat*, uma participante perguntou se poderia falar. Iniciou dizendo que iria começar a graduação neste semestre e que estava com medo de não ser aceita. Além de todas as preocupações pessoais que estavam a levando a um cansaço, ainda estava passando por um sofrimento financeiro. Falou também sobre a fragilidade dos laços de amizade, pensou que ao sair do ensino médio iria manter o contato com os amigos e está se vendo diante de uma situação contrária, em que perdeu algumas amizades por discordâncias em relação à pandemia e também por falta de contato. Nesse momento, aparece um depoimento sobre incômodos semelhantes vividos diante de pessoas que não estão respeitando a quarentena. Isso aparece nas falas sobre “falta empatia”; ou “mais difícil que ficar em casa é ver as pessoas morrendo”; ou “as pessoas não ficam em casa, não fazem quarentena”. Outra participante relatou sua preocupação com os perigos da doença e as dificuldades de explicar essa situação

⁵ O referido projeto *Dança Uff* diz respeito a um projeto independente organizado por estudantes da UFF que acontece semanalmente no campus do Gragoatá e objetiva o ensino acessível da dança de salão ao público de dentro e fora da universidade (<https://www.facebook.com/danca.uff>). Quanto às aulas de natação, que fazem parte das atividades esportivas disponíveis aos alunos da UFF enquanto aulas eletivas ou obrigatórias, elas acontecem nas dependências da Faculdade de Educação Física.

para a filha de seis anos, acrescentando que estava “levando um dia de cada vez” para não assustar os filhos.

De modo diferente, ainda a respeito dos laços sociais, outra participante se dispôs a falar de como vem percebendo um fortalecimento dos laços com os familiares e um distanciamento em relação aos amigos. Relatou a dificuldade de manter as amizades, pois, de modo diferente do que ocorreu no início do isolamento social, ela vem perdendo a vontade de falar com eles e que isso a faz se interrogar sobre suas próprias relações. Disse acreditar que quando as aulas voltarem, irá se sentir como se estivesse entrando novamente na faculdade e tendo que conhecer novamente as pessoas. À medida que as pessoas foram falando e se colocando, a conversa começou a acontecer de uma maneira mais fluida, as falas eram respeitadas e os participantes pediam a vez pelo *chat*.

Outra queixa relativa aos laços referiu-se ao uso das redes sociais. Ao falar sobre o uso da internet, abriu-se uma discussão sobre como as redes sociais provocam uma angústia por apenas mostrar o lado bom da vida, “ninguém fala do que dói, do que faz sofrer”, provocando um questionamento: “será que só eu estou passando por esse lado ruim?”. A partir disso, outros participantes relataram que, por outro lado, a internet é também um refúgio para buscar outras atividades como cozinhar, fazer *lives*, escrever poesias etc.

Relendo nossas anotações no *a posteriori* do primeiro encontro (descrito acima), nos damos conta de que talvez possamos identificar três momentos no desenrolar das associações livres produzidas e coletivizadas ali. Partiu-se do relato de perdas e dores da pandemia. Em seguida falou-se sobre as dificuldades nos laços sociais vividos a partir das restrições e ameaças impostas pelo vírus, mas, por outro lado, também de expectativas e incertezas nos encontros presentes e futuros. No final, prevaleceram relatos de estratégias encontradas por eles e sugestões dadas aos outros participantes para lidar com o mal-estar suscitado pelo distanciamento, mas que assume diferentes facetas na singularidade de cada sujeito ali presente. Isso nos faz pensar que algum coletivo se produziu ali.

No desenrolar das falas coletivizadas ao longo da atividade relatada, percebemos uma oscilação entre os significantes vida e morte, o que nos leva a pensar na tensão que está presente nos desafios à sustentação do pacto social trazidos pela pandemia, aliada ao contexto político brasileiro. As condições do laço social estão sendo colocadas em xeque; sob o risco de seu desmantelamento, o laço ao outro ameaça e a morte é banalizada.

No cenário do Brasil bolsonarista, como diz Salles (2020), a indiferença ao luto coletivo nega os nossos laços coletivos, indo na direção oposta aos sentimentos de obrigação e cuidado para com o outro que estão na base da solidariedade. Com isso, a saúde do laço social no Brasil, já frágil, agora parece mais comprometida. A precariedade das instituições de proteção e garantia de direitos sociais ameaça nossos sentimentos de pertença e filiação, o que, diante da emergência do vírus, só se acentua.

A prevalência do discurso neoliberal⁶ e a lógica do capital levam à destituição do Outro e às violências sociais pela corrosão das bases simbólicas da convivência. Dentre as consequências do capitalismo avançado para o sujeito, a psicanálise pode destacar o atravessamento da lei do mercado na lei do desejo, incitando um modo de laço que empurra o sujeito violentamente ao

⁶Entende-se que, apesar da ausência de uma concepção unívoca a respeito do discurso neoliberal, pode-se destacar, a partir dos estudos de Laval (Catini, 2020), a ideia do auto-empresendedorismo como uma de suas marcas centrais, que se faz presente tanto através da figura do Estado empreendedor, movido mais pelos marcadores econômicos do que pelas questões políticas, quanto pelas injunções individuais de autopromoção sem menção às condições sociais de base necessárias. Nesse sentido, é interessante fazer menção ao destaque dado por Laval ao lugar ocupado pela educação na implantação desse regime de funcionamento social e subjetivo, que engendra o sujeito empreendedor (Laval, 2019). Ele defende a existência de um novo paradigma educacional global inteiramente econômico e embasado na ideia de capital humano. Sustentado pela lógica capitalista, tal paradigma promove a competitividade como meta nas escolas e nas universidades neoliberais, em detrimento da formação cidadã e solidária.

gozo, seja pelo consumo, pela violência ou pelo sofrimento (Rosa, Vicentin & Catroli et al., 2009). Assim, na vigência hegemônica do discurso do capitalista, o sujeito se esvanece diante da primazia do laço ao objeto, sendo reduzido ao mero consumidor. Nesse discurso não há relação entre o agente/semblante e o outro/gozo, por isso não faz laço social. O que se verifica é um endereçamento dos objetos de consumo, produzidos pela ciência e tecnologia (*a*) ao sujeito (*\$*), forcluindo assim o laço social (Badin & Martinho, 2018). Em contraposição a isso, a partir de nossa oferta de palavra e escuta, recolhemos algumas falas que nos indicaram uma posição de maior abertura para o outro/Outro:

- “Ocupei a cabeça com um curso”.
- “Aumentou o contato com a família e isso foi muito bom”.
- “Uma coisa que ajuda é cozinhar”.
- “Me preocupo com as minhas duas filhas”.
- “Tenho como estratégia pensar em mim, nas pessoas que me amam, valorizar as pessoas ao meu redor”.
- “Escrever poesias”.
- “Descobri que fazer lives para a igreja é um caminho para não pirar. A religião ampara as pessoas em momentos difíceis e por isso ajudar a igreja é uma forma de ajudar as pessoas”.
- “Sou aluna da licenciatura e professora. Na aula converso com meus alunos sobre a pandemia e sobre a situação atual”.
- “Para mim ver série e TV ajudam muito”.

Por outro lado, vimos também algumas falas que nos remetem a mal-estar decorrente do negacionismo reconhecido em outras pessoas, conhecidas ou não. Isso fica evidente em um momento em que as coordenadoras estimulam a fala, interrogando sobre a parte difícil do isolamento e alguns disseram sobre os danos psicológicos causados e também a angústia provocada ao ver pessoas que não respeitam o isolamento. Uma aluna relatou que ao questionar um amigo sobre o fato de ele estar organizando uma festa, a resposta dada por ele foi: “Se for para morrer, então vamos morrer”. Supomos que, na pandemia, especialmente no contexto brasileiro, o encontro com o real, com o traumático, é evidente e impacta muito, e isso aparece nas falas a respeito do outro como estranho, aquele que não se preocupa com o outro como seu semelhante. Alguns falam mesmo que sofrem ao ver pessoas desrespeitando a quarentena. Parece que tal estranheza torna o desamparo e a experiência de não pertencimento ainda maior. Quem é o outro a quem me dirijo?

A questão parece reverberar ali naquele espaço ofertado por nós e não sabemos até que ponto é suscitada pelos efeitos da pandemia nas relações ou pela prevalência das relações *on-line* nesse período. A disseminação da cultura digital no mundo contemporâneo trouxe muitas transformações nas relações estabelecidas no âmbito da escola: seja entre alunos e professores, seja entre alunos e o saber, seja entre os próprios alunos. Um aspecto a ser considerado é que as novas tecnologias e a internet produzem um novo tipo de laço, se por um lado aproximam e ampliam as possibilidades de encontros entre as pessoas, quais os efeitos que isso pode ter no sujeito e nos seus modos de se enlaçar ao Outro? Segundo Rinaldi: “Um dos aspectos a se considerar é que as relações virtuais alteram a qualidade da presença do outro e favorecem o anonimato” (Rinaldi, 2018, p. 70). Assim prevalece o princípio da identificação com primazia do imaginário, que esmaece a dimensão simbólica e real, pulsional, do outro, evidenciada no enigma que envolve a presença. A tela e os diálogos virtuais são abstratos e não um olhar vivo ou uma palavra encarnada. Na virtualidade, certos diálogos muitas vezes mais se aproximam de monólogos que promovem uma inflação do narcisismo e uma tendência à eliminação da alteridade. Assim, o sujeito aparentemente prescinde do outro e busca uma automaximização

de si ilusória que, no limite, resulta numa experiência de fracasso e impotência. Por outro lado, a degradação do outro enquanto alteridade, diferente, pode resultar em violências, insulto, difamação, o que alimenta o imperativo de gozo e de completude narcísica. Enfim, e talvez esse seja o efeito mais grave : o esmaecimento do próprio sujeito diante do esfumaçamento do Outro, degradado em mais um objeto a ser consumido, ficando oculta a dimensão do desejo do Outro tão necessária como recurso simbólico que orienta a constituição de narrativas sobre si e os circuitos do desejo.

De fato, podemos reconhecer em alguns momentos a marca de uma angústia que não pode nem sempre ser posta em palavras, quando, em alguns momentos, a escassez de palavra e dos laços também se fez presente, seja pela via do silêncio ou do real do corpo (comer demais ou de menos, excesso ou falta de sono etc.). Uma participante diz: “Preciso aprender a lidar com isso. Mas não consigo. Como demais ou não como nada”. Outra participante relatou sobre as alterações no seu sono, que ou dorme demais ou não dorme nada. O indizível da pandemia talvez possa ser atribuído ao que Berardi (2020) chamou de deflação psíquica, efeito da dificuldade de elaboração psíquica diante do real que se impõe. Mas qual o destino de tal deflação? Há de haver um lugar e um tratamento para o impossível e o imprevisível em cada sujeito que com ele se deparou nesse período.

Caminhando para o encerramento do primeiro encontro, uma participante professora de física disse que se faz o seguinte questionamento: “Como motivar os alunos se não estou motivada?”. A partir disso, a mesma participante conta que começou a abrir um tempo na aula para que os alunos falem de si. Essa mesma participante indicou o livro *As coisas que você só vê quando desacelera*, escrito pelo mestre zen-budista sul-coreano Haemin Sunim, e disse que essa leitura foi importante para ela lidar com o momento atual. Encerramos a atividade e os participantes através do *chat* fizeram agradecimentos. Não sabemos afirmar quantas pessoas tomaram a palavra. Mas acreditamos que dos 14 inscritos nem todos abriram o microfone ou escreveram no *chat*. A maioria permaneceu com a câmera fechada quase o tempo todo, alguns abriram só na hora de falar, mas nem todos. Em resposta a esta oferta, podemos pensar em como cada um está lidando com os acontecimentos, individual e/ou coletivamente. E podemos testemunhar respostas mais ou menos solitárias, com maior ou menor abertura para o outro/Outro e para possíveis enlaçamentos discursivos. De qualquer forma, a partir do que se deu no final, com as falas dirigidas de uns a outros e os agradecimentos às coordenadoras, acreditamos que os participantes aceitaram a proposta da atividade ofertada e se engajaram em uma possibilidade de coletivizar experiências através da associação livre. Possibilidade também de vislumbrar outra experiência de universidade, para além do plano formal das disciplinas com seus conteúdos.

Ainda que os encontros tenham sido descontinuados, pensamos que podemos lançar algumas hipóteses acerca dos modos de operar no coletivo, bem como dos significantes que emergiram e retornaram ao longo deles. Não podemos deixar de considerar também a presença continuada de alguns participantes em mais de um encontro, o que nos permite levantar algumas hipóteses sobre possíveis laços que ali se teceram. Uma primeira observação bastante intrigante diz respeito ao fato de que no primeiro encontro realizado predominaram longos relatos das experiências vividas por cada um deles durante o período do isolamento. Em um segundo momento de enunciação, durante o segundo encontro, foi o silêncio que passou a comparecer, e no terceiro ocupou ainda mais espaço.

Chama-nos a atenção, entretanto, que, no terceiro encontro, os participantes permaneceram na sala até o final, ainda que tenha predominado o silêncio do meio para o final da atividade.

Assim, parece-nos que o próprio fato de estar ali e de sustentar esse desejo até o final possa apontar para um trabalho psíquico em curso. Talvez, poder sustentar esse vazio, acolhido pelas coordenadoras orientadas pelo discurso do analista, na contramão das metafísicas gozosas (Dunker, 2016) que habitam o imaginário salvacionista tanto do lado da ciência quanto do lado dos dogmas religiosos que proliferam no Brasil contemporâneo, seja uma possibilidade de constituir um coletivo menos massificante. O silêncio poderia marcar assim um coletivo já que, ao contrário dos grupos marcados por uma identidade de gozo, se funda na possibilidade de endereçamento de uma demanda em comum, ainda que transitória e sem resposta garantida. Mantendo aberto o sentido de seus significantes, a aposta das coordenadoras aponta para o desejo, singular de cada um dos participantes, portanto, não-todo compartilhado e falado no grupo.

No quarto e último encontro, que contou com a presença de dois participantes que já tinham estado conosco anteriormente, algo pôde ser retomado do que foi ouvido e falado nos outros encontros, apontando uma possibilidade de algum trabalho subjetivo por parte de cada um. Um deles disse que gostava de vir para ouvir os outros, enquanto a outra fez uma pontuação sobre algumas mudanças no seu estado emocional desde a primeira vez em que esteve até esta última. Disse que lá no início vivia um dia de cada vez e que agora predominava mais uma expectativa pelo que virá pela frente, e a lida com uma preparação para o imprevisível.

A aposta em Outra universidade feita através desse dispositivo repercutiu entre os professores e a direção da Faculdade de Educação. Um mês antes do início da retomada do semestre letivo de forma remota, o que se deu em setembro de 2020, fomos convidadas pela direção da faculdade para uma *Conversa com a FEUFF* dedicada a falar sobre *Sofrimento psíquico na universidade e os desafios para o semestre remoto*. Tal iniciativa deveu-se, em grande parte, à preocupação da comunidade da faculdade e da direção suscitada pelo alto índice de respostas a um questionário endereçado aos alunos durante a quarentena, revelando as questões relativas à saúde mental como um entrave para o retorno às aulas. Abriu-se, assim, um espaço e um tempo para outro olhar para os estudantes e a situação acadêmica em que todos nós estamos imersos, fato talvez inusitado e improvável em outro momento⁷. Sem garantias sobre o que ficou desse evento, valorizamos a abertura em si desse espaço para essa Outra cena que não é visível no cotidiano das aulas como um efeito interessante que valeria a pena ser registrado e compartilhado.

Palavras finais

Se, a partir de tudo que defendemos aqui, entendemos que o sofrimento psíquico dos nossos jovens estudantes traz em si uma dimensão sociopolítica (Rosa, 2016), ou seja, diz respeito aos lugares que ocupam no laço social e nos discursos dominantes, o seu tratamento também deve se dar na dimensão do coletivo, através de estratégias clinicopolíticas que envolvam os diversos atores sociais nos contextos nos quais se inserem. Resta pensar em dispositivos e estratégias que remetam tanto ao resgate da posição desejante dos sujeitos no laço com o outro quanto às modalidades singulares e coletivas de resistência aos processos de alienação social (Ibid).

⁷Evento disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BPwdVFNeBVM>

Quando há demanda de escuta por parte da escola ou da universidade, já há alguma brecha para que esse Outro não-todo-saber possa se presentificar, possibilitando a abertura de um lugar de palavra para o sofrimento dos alunos ao invés do enclausuramento, que só perpetua a condição de desamparo discursivo em que se encontram muitos jovens. É interessante notar que muitos participantes afirmaram a importância daquele espaço mesmo durante o distanciamento social imposto pela pandemia como maneira de se manter conectados à universidade, de alguma forma. Também tivemos relatos sobre a importância do sentimento de pertencer à Universidade, reafirmado ali, o que nos faz pensar que, de alguma forma, o laço com a UFF parece servir para fazer frente ao desamparo e à angústia trazidos por eles de diversas formas ao longo dos encontros.

Desafiando o mal-estar contemporâneo que diz respeito justamente à vulnerabilidade dos laços na sociedade global regida pelos discursos capitalista e da ciência, o que não deixa de fora a universidade e o impulso à produtividade ao qual professores e alunos estão submetidos, nossa proposta visou ao resgate da possibilidade de os sujeitos recuperarem uma posição discursiva e desejante. Tomando a diferença entre grupos regidos pela lógica da identidade de gozo das massas, que tende a ser imposta a todos e acirra as exclusões, e os coletivos que preservam as singularidades e se orientam por uma transferência de trabalho (Dunker, 2016), nossa aposta foi pelo segundo. O trabalho suposto nos espaços de fala/escuta no coletivo foi o de fazer a palavra circular acontecer e, nesse sentido, consideramos que isso foi possível. Nesse sentido, algum coletivo se produziu, em que cada um pôde se engajar com sua palavra, sua escuta, a seu modo.

Enfim, consideramos que quando é possível encontrar estratégias menos solitárias, que incluem o outro, seja sob a forma de laços sociais ou através da cultura, outros destinos podem ser dados ao desamparo e à angústia. Nesse momento de ameaças de morte por todos os lados, precisamos mais ainda dos ritos, da cultura, do compartilhamento de experiências como reafirmação da vida (Dunker, 2020) diante das políticas de morte. O cuidar de si e do outro é uma resistência a isso. Viver o luto também é resistência. É isso que talvez defina a partilha entre aqueles que estão do lado da vida, do desejo que faz laços, e aqueles que se situam do lado da morte e da mortificação do *socius*.

Referências

- Agamben, G. (2005). O que é um dispositivo? In S. Scramim (Org.), *A exceção e o excesso: Agamben & Bataille. Revista Outra Travessia*, (5), 9-16. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>
- Badin, R., & Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium*. Rio de Janeiro, 10(2), 140-154. doi : <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>
- Berardi, F.B. (2020). Crónica de la psicodéfación. In P. Amadeo (Org.), *Sopa de Whuan* (pp. 35-54). ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio).
- Birman, J. (2009). Juventude e condição adolescente na contemporaneidade. In H. Bocayuva, & S. A. Nunes (Orgs.), *Juventudes, subjetivações e violência* (pp. 45-62). Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.
- Birman, J. (2012). *Sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro, RJ : Civilização Brasileira.

- Birman, J. (2016). Tatuando o desamparo. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (pp. 28-44). São Paulo, SP : Escuta.
- Castro, L. R., & Besset, V. L. (Orgs.). (2004). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro, RJ: Nau.
- Catini, C. (2020). Para a crítica da educação neoliberal. Entrevista com Christian Laval. *Educação Temática Digital*, 22(4), 1031-1040. doi: <https://doi.org/10.20396/etd.v22i4.8658365>
- Coutinho, L.G. (2009) *Adolescência e errância: Destinos do laço social contemporâneo*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nau.
- Coutinho, L. G., & Andrade, C. B. de. (2016). O que as ocupações nos ensinam sobre a adolescência, o laço social e a educação? *ETD - Educação Temática Digital*, 19, 48-62. doi: <https://doi.org/10.20396/etd.v19i0.8647736>
- Dunker, C. (2016). Políticas de identidade e a busca de um novo modelo de crítica. *Revista Fórum*, 17/02/2016. Recuperado de: <https://revistaforum.com.br/noticias/christian-dunker-politicas-de-identidade-e-a-busca-de-um-novo-modelo-de-critica/>
- Dunker, C. (2020). *A arte da quarentena para principiantes*. São Paulo: Editora Boitempo.
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21: O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos., pp. 38-157). Rio Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Kehl, M. R. (2000). *Função fraterna*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (A. Roitman, trad.) Rio de Janeiro, RJ : Jorge Zahar Editor. (Apresentação oral em 1969-70, original publicado em 1992).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor. (Apresentação oral em 1962-63, original publicado em 2005).
- Laval, C. (2019). *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. (M. Echalar, trad.). São Paulo: Boitempo.
- Machado, R. P. (2019). Precisamos falar sobre vaidade na vida acadêmica. Intercept 14 de outubro de 2019. Recuperado de: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-a-vaidade-na-vida-academica/>
- Menezes, J.; Costa; M. R.; Santos, T. C. (2013). *Territórios interculturais de juventude*. Recife, PE : Editora Universitária UFPE.
- Pisetta, M. A. A. M. (2009) A falta da falta e o objeto da angústia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, 26,(1), 101-107. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a11v26n1.pdf>
- Pisetta, M. A.A.M. (2016) Discurso e gozo : Psicanálise e sociedade. *Ágora*, Rio de Janeiro, 19(1), 21-33. doi : <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016000100002>
- Poli, M. C. (2008). Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. *Estilos da Clínica*, 13(25), 154-179. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v13i25p154-179>
- Rinaldi, D. (2018). O discurso do ódio, uma paixão contemporânea. In M. D. Rosa, A. M. M. da Costa, & S. Prudente (Orgs.), *Escritas do ódio* (pp. 33-42). São Paulo, SP: Escuta/FAPESP.

- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo, SP: Escuta.
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. doi : <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>
- Rosa, M. D., Vincentin & M. C. Catroli, V. (2009). Viver em tempos sombrios: a experiência e os laços com os contemporâneos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 15(1),51-68. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000100004
- Salles, J. M. (2020). A morte e a morte. Jair Bolsonaro entre o gozo e o tédio. *Revista Piauí*. Recuperado de <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-no-governo-bolsonaro/>
- Sato, F., Martins, R., Guedes, C. & Rosa, M. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. *Revista Psicologia Política [on-line]*.17(40),484-499. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2017000300006&lng=pt:

Revisão gramatical: Nancy Soares
E-mail: nansoares@gmail.com

Recebido em novembro de 2020 – Aceito em maio de 2021.